

Lucasfilm Ltd/Divulgação

é sempre mais interessante que o salão principal. Os bastidores sempre me interessaram mais”, diz Tony Gilroy, criador da história. “Já estão falando de jedis e da força desde 1977. Se é preciso contar uma nova história, a ideia é fugir disso. A galáxia é gigante e a maioria das criaturas que a habitam, possivelmente, nunca ouviu falar de jedis, siths ou da família Skywalker”, analisa.

Dessa forma, cada figura que está na tela tem a história aprofundada, detalhada, com nuances e emoções. O elenco acredita que isso é graças ao trabalho de escrita do criador da produção. “Tony não escreve personagens planos, ele escreve pessoas que estão no precipício, figuras que estão a ponto de tomar a decisão que mudará toda a vida delas a partir dali. São pessoas que estão com dificuldades e em conflito”, afirma Kyle Soller, responsável por dar vida ao personagem Syril Karn, um dos antagonistas. “Chega a ser difícil trazer o mundo externo com toda complexidade que o universo da série tem. É tudo muito complexo e específico”, adiciona Adria Arjona, que interpreta Bix.

O caráter multifacetado dos personagens os traz para perto da realidade. Isso faz com que a máxima retorne. Nas palavras de Luna, “são pessoas normais tendo que sujar as mãos, envolvendo-se para ver um futuro melhor”. Enquanto Soller destaca como “pessoas normais em situações extraordinárias, esses são os melhores tipos de história”.



Genevieve O'Reilly como Mon Mothma na segunda temporada de *Andor*

Lucas film Ltd/Divulgação



No final, a série não deixa de ser sobre o mundo real, em que as pessoas vivem, sem muitos anos e galáxias tão, tão distantes. “Nós estamos falando de *Star Wars* e tem muita coisa que a saga se inspira de revoluções e rebeliões do passado do mundo. A história parece se repetir, e temos que falar sobre isso”, exalta Arjona.

Quatro anos em quatro filmes

Uma das escolhas narrativas mais importantes de *Andor* desde o princípio é a de separar a série em arcos menores que, juntos, fazem o todo da jornada. Nesta segunda temporada, a ideia era separar os 12 episódios em quatro filmes. Cada grupo de três episódios é situado em um ano e, no fim de cada trio, há um salto temporal. “A ideia surgiu em um jantar com o Diego Lune quando desenhamos a possibilidade em guardanapo”, conta Gilroy.

Para o criador, dividir entre anos era preciso para conseguir passar com clareza por todos os assuntos que desembocaram em *Rogue one*: uma história *Star Wars*, longa de 2016 que conta a última missão de Cassian Andor. Entretanto, quando viu a forma como desenvolveram esses arcos percebeu que a saída ajudou no caminhar na história e nas escolhas estéticas. “Passou de necessidade, para um conceito legal e chegou a algo que realmente funciona. É muito empolgante fazer uma narrativa com uma nova ferramenta”, destaca.

“São realmente quatro filmes que possibilitam a evolução da história e dos personagens”, exalta Genevieve O'Reilly, que volta ao papel de Mon Mothma. “Eu nunca experienciei uma evolução de personagem tão grande, a história pode se expandir muito mais com os saltos temporais. Não consigo achar um paralelo na minha carreira para comparar o tanto que compreendi essa personagem”, revela. “*Andor* dá espaço para que os personagens tenham voz”, conclui.

Adria Arjona explica que é muito diferente atuar com saltos curtos de tempo. “Você tem saltos temporais maiores em outras produções. Quando se passam cinco, 10 ou 20 anos, o seu personagem envelhece, dá para cortar o cabelo ou usar algumas outras formas para parecer diferente. Um ano, no entanto, é muito específico”, comenta. “Acho que o Tony acertou na transição e evolução desses personagens de forma muito bonita. Foi empolgante ler o roteiro e assustador de atuar”, conclui.

Kyle Soller como Syril Karn na segunda temporada de *Andor*